

# O ESTRUTURALISMO NA DÉCADA DE 50: A ASCENSÃO DO PARADIGMA

Larissa Scotta<sup>®</sup>

## RESUMO<sup>®1</sup>

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma leitura do primeiro capítulo da obra "História do Estruturalismo", de François Dosse, o qual aborda a ascensão vivida pelo Estruturalismo na década de 50. A partir das afirmações de Dosse, buscamos compreender como um movimento que reuniu personagens tão díspares pôde fazer nascer na França um ponto de vista epistemológico que vai revolucionar a produção de saberes no quadro das ciências humanas.

**PALAVRAS-CHAVE:** estruturalismo, ciências humanas, década de 50.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se a apresentar uma leitura do primeiro capítulo da obra "**História do Estruturalismo – O campo do signo**", de François Dosse, intitulado "Os anos cinquenta: a época épica", o qual aborda a fase ascendente vivida pela atividade estruturalista. A partir das afirmações de Dosse, procuramos voltar à França dos anos 50 e tentar compreender como um movimento que reuniu personagens tão díspares como Lévi-Strauss, Jakobson, Barthes, Lacan, Foucault, entre outros, pôde fazer triunfar uma visão de mundo comum a toda uma geração intelectual. Geração essa que, animada por novas perspectivas quanto ao rumo da ciência, caracterizou-se pela forte consciência crítica.

Interessa-nos sublinhar as redes de diálogos que foram se desencadeando entre diferentes áreas do saber, tais como a antropologia, a lingüística, a psicanálise, a filosofia, entre outras que

fizeram parte da "aventura estruturalista", visto que entendemos ser essas "trocas" teóricas que ocasionaram a possibilidade de se pensar em uma disciplina-mãe que abarcaria todas as disciplinas das ciências humanas: a semiologia.

### 1. Estruturalismo: um novo ponto de vista epistemológico

O paradigma estruturalista representou uma revolução no campo da produção do conhecimento. Surgido na conjuntura política da década de 50, marcada pelo desencanto com o modelo marxista, esse movimento vai ser o pólo de convergência de diversas áreas do saber que buscarão superar o academismo no poder, na figura da Sorbonne, e encontrar novos modelos que possam explicar o que até então fora recalcado na história ocidental.

Para além das grandes diferenças existentes entre as diversas formas de aplicação do estruturalismo (a saber um estruturalismo científico, representado por Lévi-Strauss e Lacan; um estruturalismo mais flexível, na figura de Barthes e por último um estruturalismo historicizado, no qual se encontram Foucault e Derrida, para citar apenas alguns nomes), esse ponto de vista epistemológico que vai fundamentar as bases do saber moderno na legitimidade do pensamento científico, apresentar-se-á como um projeto unificador das ciências humanas numa única disciplina, a Semiologia, a qual pretendia fornecer instrumentos teóricos para tratar de todos os sistemas de signos no seio da vida social, e assim

atender às necessidades de renovação de várias áreas do campo das ciências humanas.

Disciplinas como a antropologia e a psicanálise, até então ausentes do cenário científico, vão adquirir o status de ciência graças à inclinação do programa estruturalista para tudo o que havia sido posto à margem, como era o caso do inconsciente, do avesso do sentido manifesto. A partir da “aventura semiológica” empreendida pelo estruturalismo, o inconsciente vai alcançar um lugar de destaque nas teias dos diálogos teóricos que brotarão na França entre os anos 50 e 60, fazendo de Lévi-Strauss e Lacan os maiores expoentes no estudo desse complexo universo simbólico. A essas duas disciplinas, antropologia e psicanálise, juntar-se-ão a história e a filosofia, já instaladas no campo universitário, deixando quase completo o programa estruturalista.

Esse programa encontrava-se vinculado ao crescente êxito experimentado pela noção de *sistema* e depois de *estrutura* nas disciplinas científicas no final do séc. XIX, que procuravam explicar a interdependência dos elementos constitutivos dos objetos de estudo. Essa mudança afetou diversas áreas do saber, como a sociologia, a lingüística, a economia, a biologia, etc. No entanto, foi particularmente as formulações de uma disciplina que influenciaram sobremaneira o desenvolvimento do estruturalismo: a *lingüística saussuriana*. Com as contribuições dessa disciplina, estava completo o programa estrutural.

## 2. Um modelo para o estruturalismo: a lingüística contemporânea

### 2.1 Saussure: o estruturalista “avant la lettre”

A lingüística moderna teve um papel fundamental no desenvolvimento do paradigma estruturalista, servindo como norte e inspiração desse movimento. Ferdinand de Saussure, que ditou no início do séc.XX os novos rumos da lingüística, pode ser considerado o estruturalista “*avant la lettre*”, visto que ele buscou fundar a ciência lingüística ancorando-se em uma nova forma de produzir conhecimento, forjando uma nova dimensão para o estudo da linguagem ao introduzir a noção de *sistema*.

O **Curso de Lingüística Geral**, obra escrita por dois de seus alunos, a partir de seus postulados, é interpretado com o momento de um corte entre uma lingüística pré-científica e uma outra fundada em hipóteses e métodos rigorosos. Ao indagar-se a respeito do objeto da lingüística e os procedimentos a serem empregado na análise desse objeto, Saussure encontrou a complexidade da linguagem, sua dualidade opositiva que constitui o *sistema*: dualidade articulatória/acústica, de som e sentido, do indivíduo e da sociedade, da língua e da fala, do paradigmático e do sintagmático, do sincrônico e do diacrônico, etc. Essa noção, embora anterior a Saussure, é solidificada por ele, que vai formular a partir disto as bases da ciência lingüística.

Em vez de se concentrar na evolução das línguas, Saussure orientou suas pesquisas para o exame do funcionamento delas no presente, a *sincronia*, pois entendia que era no

estudo da combinação recíproca de unidades distintas que as leis internas que regem uma língua podem ser reconstituídas. Outra inflexão essencial da abordagem saussuriana é o fechamento da língua sobre si mesma. Segundo ele, o *signo lingüístico* une um conceito a uma imagem acústica, e não uma coisa a seu nome. O signo saussuriano só envolve, portanto, a relação entre significado (o conceito) e significante (imagem acústica), com exclusão do referente. É a *arbitrariedade* do signo, teoria já difundida e que Saussure consolida como fundamental.

Ao mostrar que a língua é um sistema de valores constituído não por conteúdos ou produtos de uma vivência mas por diferenças puras, sua interpretação da língua a coloca resolutamente ao lado da abstração para melhor a separar do empirismo e das considerações psicologizantes. Essa postura em relação à língua, que se torna com Saussure o único objeto que pode dar um lugar a uma racionalização científica, elimina os resíduos da fala, do sujeito. Expulso da perspectiva saussuriana, o indivíduo torna-se vítima de uma redução formalista no qual não terá mais lugar.

A negação do homem também vai passar a ser um elemento essencial do paradigma estruturalista, na medida em que, mais tarde, Lévi-Strauss, Lacan e Barthes, entre outros, começarem a servir-se dos princípios da lingüística moderna a fim de formalizar suas próprias disciplinas. Com efeito, a lingüística saussuriana vai tornar-se a ciência-piloto do estruturalismo e seus postulados vão influenciar uma geração inteira que acreditava ser possível ver o mundo através da grade estrutural.

## 2.2 Jakobson e a contribuição da fonologia estrutural

Há um outro lingüista que também exercerá uma grande influência para o estruturalismo: Roman Jakobson. Diferentemente de Saussure, ele terá uma dupla formação: na lingüística européia e na norte-americana. Essas filiações, aliadas à proximidade que ele tem com a literatura, farão de Jakobson um lingüista atento tanto à lingüística quanto à poética. Criador do Círculo lingüístico de Moscou, em 1915, ele entrará em contato com Troubetzkoy, que lhe apresentará a fonologia. Com a nomeação de adido cultural soviético na Tchecoslováquia, Jakobson vai para Praga, onde descobre as grandes diferenças de musicalidade existentes entre o russo e o tcheco, línguas muito próximas por suas raízes e bases lexicais. É a partir da interação feita pelo lingüista entre línguas naturais, línguas culturais e língua poética que vai nascer a *fonologia estrutural*.

Em 1926, Jakobson, Troubetzkoy e Makarovsky, entre outros, fundam o Círculo Lingüístico de Praga. Situando seus trabalhos na filiação saussuriana, bem como na do formalismo russo, "As teses de 29", do Círculo de Praga, vão definir uma rigorosa distinção entre a linguagem interna e a linguagem manifesta, definindo um programa explicitamente estruturalista.

Ao mesmo tempo em que este círculo situa suas teses numa perspectiva saussuriana, ele mantém uma certa distância de Saussure em diversos pontos: primeiro porque a concepção de língua para o Círculo de Praga referia-se a um sistema funcional, estranho a Saussure; segundo porque as teses de Praga divergem quanto à cesura diacronia/sincronia, que para Jakobson não podem estar separadas.

Mas o princípio da investigação de unidades mínimas de pertinência encontrado em Saussure está presente nas formulações de Troubetzkoy, quando ele refere-se à estrutura do fonema, bem como o dualismo do signo saussuriano corresponderia à binaridade do sistema fonológico proposto por Jakobson.

A maior contribuição que a fonologia deu para o avançar das teses estruturalistas foi a de ter conseguido organizar um quadro que reunia todos os traços pertinentes a partir de doze oposições binárias, as quais se supunham explicar todas as línguas do mundo. Esse objetivo de apreender os fenômenos lingüísticos em suas *relações internas*, introduzindo a noção de sistema e visando a construção de *leis gerais* era o estopim para que o sonho de universalidade que tanto animará a corrente estruturalista pudesse se concretizar.

Quando em 41 Jakobson exila-se em Nova York, encontra Lévi-Strauss, para quem a fonologia desempenhará um papel análogo ao da revolução copérnico-galileana. Com esse encontro e com os que se seguirão, estará sendo forjado o modelo que permitirá à antropologia alçar um lugar de destaque dentro do movimento estruturalista.

### **3. Lévi-Strauss: um antropólogo na base do programa estrutural**

O campo intelectual nos anos 50 vivia um período de novas configurações com a ascensão das ciências humanas reivindicando um espaço institucional a fim de permitir a expressão de uma terceira via entre a literatura e as ciências exatas. Esse deslocamento não vai ser acompanhado por boa parte dos filósofos, principalmente pela figura tutelar de Sartre, que sairá de cena e deixará uma

onda de incertezas pairando sobre toda uma geração até então engajada na filosofia existencialista. No universo estrutural não haverá espaço para a filosofia da consciência, do sujeito, a qual será deixada de lado em proveito da regra, da estrutura, e vários intelectuais até então engajados nessa causa, como Jean Pouillon, vão converter-se à ciência do momento: a antropologia de Claude Lévi-Strauss.

O estruturalismo em antropologia não nasceu, contudo, com Lévi-Strauss. Ele é resultante de uma situação particular que envolve uma filiação ao positivismo de Comte e, mais tarde, ao durkheimismo. O primeiro grande objeto de estudo de Lévi-Strauss, a proibição do incesto, é, pois, a ocasião para que ele se distancie do que Durkheim pôde dizer em relação ao tema e inove, não apenas no campo da antropologia, mas também em um âmbito maior - o do próprio estruturalismo.

Em face de uma explicação que remete a origem da proibição do incesto a uma mentalidade já ultrapassada, a crenças obsoletas, o antropólogo, que não se satisfaz com uma delimitação do fenômeno a uma área geográfica e a uma era temporal, busca, pelo contrário, raízes atemporais, universais, que elucidem a permanência dessa interdição. Em confronto com o território da antropologia, ele recusa os dois caminhos oferecidos nesse domínio: o evolucionismo e o funcionalismo, e vai ancorar-se em Marx a fim de assegurar que as realidades manifestas nem por isso são as mais significantes e que compete ao investigador construir modelos a fim de ter acesso aos fundamentos do real e ultrapassar a aparência do sensível.

Ele realiza um deslocamento fundamental em relação à abordagem

tradicional conferida à proibição do incesto, na medida em que *desbiologiza* esse fenômeno, retirando-o tanto do esquema simples da consangüinidade quanto das considerações morais etnocêntricas. Lévi-Strauss sai de uma análise em termos de filiação, para mostrar que a união dos sexos é objeto de uma transação cuja responsabilidade é assumida pela sociedade; trata-se, pois, de um fato social, cultural. A proibição deixa de ser percebida como fato puramente negativo, para ser entendida no plano da positividade social.

Lévi-Strauss define as estruturas elementares de parentesco distinguindo duas categorias: as dos cônjuges possíveis e dos proibidos. Baseado no modelo arbitrário do signo saussuriano, ele vai estabelecer que a proibição do incesto exprime a passagem do fato *natural* da consangüinidade para o fato *cultural* da aliança. É a intervenção decisiva no nascimento da ordem social.

O modelo que permitirá a Lévi-Strauss operar esse deslocamento é a lingüística estrutural, mais especificamente a fonologia, que lhe será apresentada por Jakobson no período de exílio vivido por eles em Nova York na década de 40. Do método fonológico, ele retém duas grandes lições, que são a investigação de invariantes para além da multidão de variedades identificadas e o afastamento de todo e qualquer recurso à consciência do sujeito falante, logo, a preponderância dos fenômenos inconscientes da estrutura. Com isso, Lévi-Strauss chega à conclusão de que, tal como os fonemas, os termos de parentesco são elementos de significação e, como eles, só adquirem essa significação sob a condição de se integrarem em sistemas. Ao inspirar-se em Jakobson, o antropólogo assimila o

corrente saussuriano, que vai mais tarde adaptar ao terreno antropológico, atribuindo ao significante o lugar da estrutura e ao significado o do sentido. Da mesma forma, dá preponderância à sincronia, lançando assim as bases para a crítica da eficácia da abordagem histórica dos fenômenos sociais.

De regresso à França, em 1948, Lévi-Strauss defende sua tese acerca da proibição do incesto, chamada **Les Structures élémentaires de la parenté**. Essa tese é publicada em livro um ano mais tarde, tornando-se um dos mais importantes acontecimentos da história ocidental do pós-guerra e a pedra angular do programa estruturalista, ao fazer nascer o sonho de se ter alcançado, enfim, o derradeiro estágio de cientificidade de uma ciência social.

Uma outra contribuição de Lévi-Strauss refere-se à aproximação estabelecida por ele entre a antropologia e a psicanálise. A proposta de Marcel Mauss de que a vida social é permeada pelas relações simbólicas, faz o antropólogo pensar a respeito do inconsciente que, para ele, podia ser definido por sua função de troca, seria o termo mediador entre o eu e o outro. Mais ainda, seria a causa desses efeitos de estrutura que são os sistemas de parentesco, os ritos, as formas da vida econômica, os sistemas simbólicos. Essa relação entre a antropologia e a psicanálise, apoiada nos pressupostos da lingüística moderna, vai ser cultivada por Lacan, que seguirá com afinco as definições dadas por Lévi-Strauss à propósito do inconsciente.

Em 1955, Lévi-Strauss lança o livro **Tristes Tropiques**. Seu caráter híbrido, avesso a qualquer classificação neste ou naquele gênero, permite-lhe conquistar um público excepcionalmente vasto, dando-lhe uma repercussão espetacular. É o momento da consagração do

antropólogo que, não muito tempo depois, vai lançar-se na busca por tornar a antropologia a ciência hegemônica no campo do saber acerca do homem, a teoria geral das relações.

#### 4. Jacques Lacan e a psicanálise

O inconsciente estava no centro do paradigma estruturalista. Saussure, com a distinção estabelecida entre língua e fala, e Lévi-Strauss, com as estruturas de parentesco, haviam deslocado esse conceito da psicanálise para suas disciplinas, atribuindo-lhe uma importância muito grande. Isso favorecerá enormemente Jacques Lacan que, responsável por um retorno a Freud, causa uma ruptura no âmbito da psicanálise, não somente porque revolucionará os métodos da prática analítica, mas também porque se empenhará ao máximo a fim de fazer sua disciplina alcançar o mais alto grau de cientificidade.

É nos anos 50 que Lacan abandona as teses hegelianas para, assim, poder pertencer ao paradigma estruturalista. Com efeito, em seu trabalho acerca do “estádio do espelho”, ele deixa de lado a idéia hegeliana de uma possível personalidade pronta e acabada, transparente em si mesma, para dar espaço ao sujeito descentrado para sempre de si mesmo, à essência do Ser perdida em pouco mais a cada dia no esquecimento do Ser. Essa abordagem escapa à historicidade, se dá como estrutura primeira, que não pode funcionar senão por suas leis próprias. Ainda que não de forma explícita, Lacan serve-se da sincronia saussuriana a fim de elaborar seu trabalho.

O retorno a Freud empreendido por Lacan se dá no momento em que a psicanálise parecia estar perdendo sua identidade. Havia o perigo, por uma

parte, de que ela viesse a perder seu objeto, o inconsciente, em proveito de uma psicologia dinâmica e, por outra, da medicalização, que seria a dissolução da psicanálise na psiquiatria. Lacan é o responsável pelo sobressalto que vai dar à prática analítica, além das inspirações teóricas, garantias científicas sólidas, que conduzirão a psicanálise a ter uma nova identidade, cada vez mais distante da “biologização”.

A base desse “freudismo renovado” é o paradigma estruturalista, já completamente assimilado por Lacan. A linguagem terá o papel de destaque, visto que é o mundo das palavras, segundo ele, que cria o mundo das coisas. O homem só existe por sua função simbólica e é por ela que ele deve ser apreendido. O sujeito torna-se, então, um *produto* da linguagem. Com esse entendimento, o psicanalista vai privilegiar a fala do paciente, que está cortada do acesso ao real, que só veicula significantes que remetem entre si. A existência humana não tem outro lugar para Lacan a não ser esse nível simbólico.

A fim de desenvolver melhor sua teoria, Lacan faz uma “interpretação” do signo saussuriano muito particular, dando ênfase ao significante e relegando para um lugar secundário o significado. O referente, Lacan o esvazia ainda mais. Segundo essa perspectiva, o sujeito encontra-se descentrado, efeito de significante que remete ele próprio para um outro significante, é o produto da linguagem que fala nele. Essa visão de um sujeito cindido é inteiramente coerente com a noção que está atuando, na época, nos outros campos estruturalistas das ciências do homem.

A obra de Lévi-Strauss inspirou amplamente os trabalhos de Lacan, a ponto de o psicanalista interpretar o inconsciente a partir da definição do

antropólogo. Esta filiação teórica é a raiz de um mal-entendido, pois o inconsciente de Lévi-Strauss está muito distante do inconsciente freudiano. Esse deslocamento vai perdurar por muito tempo, pois Lacan não se contentará em assimilar as teses de Freud, ele buscará criar suas próprias teorias.

A escolha feita por Lacan de ancorar a psicanálise nas descobertas da lingüística moderna e de considerar que “o humano é linguagem” traduz a sua ambição epistemológica. Ele entende que essa é única possibilidade de sua disciplina fazer parte da aventura semiológica global que vem adquirindo impulso desde o início dos anos 50.

### 5. O estruturalismo flexível de Barthes

Se Lacan representa a figura de pai severo do estruturalismo, Roland Barthes é a expressão do que há de mais ondulante e sutil nesse movimento. O rigor encontrado em outros teóricos dará lugar, em Barthes, para um estruturalismo cambiante, que o fará ser um receptáculo do período, alguém capaz de registrar tanto as perturbações em curso quanto pressentir as que estão por vir.

Com **Le Degré zéro de l'écriture**, lançado em 53, Barthes preconiza uma ética da escrita, libertada de todas as restrições. É o sintoma de uma nova exigência literária, um ato de ruptura com a tradição. Ainda sob a influência de Sartre, Barthes retoma o tema da liberdade conquistada pelo ato de escrever, mas o inova ao situar o compromisso que a escrita representa, não no conteúdo do escrito, mas em sua forma. A linguagem adquire o status de *finalidade*, identificada com a liberdade reconquistada.

Encontra-se em Barthes o tema da prevalência da troca, da relação

primeira que deve partir de um ponto nodal, de um ponto zero, não definido por seu conteúdo empírico, mas pelo fato de permitir ao conteúdo instituir-se numa posição relacional. Essa mesma busca do grau zero da escrita de Barthes, será encontrada na busca do grau zero de parentesco em Lévi-Strauss e do grau zero da unidade lingüística em Jakobson. Mas embora compartilhe com estes uma postura estrutural, Barthes ainda não tem, no início da década de 50, uma bagagem estrutural sólida.

A obra dedicada à escrita deve seu êxito ao fato de participar de uma nova sensibilidade literária, de uma exigência que vai consubstanciar-se no que se convencionou chamar o *nouveau roman*, uma nova estilística, fora das normas tradicionais do romance.

Já em meados da década, Barthes vai dedicar-se a explicar de que modo funciona um *mito* na sociedade contemporânea. A soma de artigos que envolvem esse trabalho de desmontagem e desmistificação vai constituir uma das principais obras do período, **Mythologies**. Posteriormente, ele irá elaborar a teorização desses casos, apresentando-os sob a perspectiva de um programa semiológico global, alimentado pelas primeiras leituras de Saussure e Hjelmslev. É, pois, na semiologia que Barthes encontrará os meios para erigir seu programa em ciência.

A capacidade de Barthes em aderir a teorias e igualmente a desprender-se delas será uma de suas características marcantes, o que vai fazer com que ele seja conhecido como a figura estruturalista sensível às múltiplas variações pelas quais o movimento passou.

## 6. A filosofia diante da ascensão do estruturalismo

### 6.1 Merleau-Ponty e a fenomenologia

Nos anos 50, a filosofia francesa estava dominada pelo projeto fenomenológico husserliano, para quem as essências constituem o fundamento originário na acepção das condições de possibilidades da consciência, correlativamente ao seu objeto. Na Libertação, a fenomenologia era, sobretudo, sartreana e enfatizava a consciência. Por seu lado, Merleau-Ponty orienta o projeto de Husserl para a dialética que se trava entre o sentido proferido e aquele que se revela nas coisas.

Essa mudança em relação ao pensamento sartreano vai levá-lo a se interessar cada vez mais pelas estruturas de significações que as novas ciências humanas lhe oferecem. Como o modelo seguido por essas ciências era o lingüístico, Merleau-Ponty vai valer-se das contribuições de Saussure acerca dos signos para apresentar aos filósofos as inovações apresentadas por elas. Com o mesmo intuito, o filósofo vai ao encontro de Lévi-Strauss, surgindo daí uma cumplicidade intelectual. Essa aproximação entre a filosofia e as ciências então ascendentes, ocasiona uma inversão de paradigmas, pois já não é o antropólogo que procura situar-se em relação ao discurso filosófico, mas o filósofo que se situa em relação à antropologia, à lingüística, à psicanálise. Mas afinal, qual o propósito de Merleau-Ponty ao aproximar a filosofia das ciências humanas?

Ele não pensava em dar a essas ciências a importância atribuída à filosofia. Sua intenção era fazer o fenomenólogo desempenhar o papel do

“regente da orquestra”, aquele que acolheria todos os resultados objetivos fornecidos pelas ciências do homem, apontando-lhes um sentido, um valor em termos de experiência subjetiva, de significação global. Entretanto, esse projeto fenomenológico estará condenado ao fracasso, pois as disciplinas científicas já procediam à sua própria elaboração conceitual e, por conseguinte, não necessitavam de Merleau-Ponty ou qualquer outro filósofo para dar um sentido às suas descobertas.

Todavia, a abertura dada por Merleau-Ponty às problematizações das ciências modernas vai despertar em diversos filósofos a vontade de se tornarem antropólogos, ou lingüistas, ou psicanalistas. Isso significa que, ainda que tenha buscado posicionar a filosofia como guia das ciências humanas, Merleau-Ponty contribuiu para que elas se desenvolvessem, exercendo um papel de intercessor considerável, servindo, por exemplo, de elo entre Lévi-Strauss e Lacan, a quem apresentará a obra saussuriana.

### 6.2 A abertura das disciplinas à reflexão epistemológica

Se o estruturalismo da década de 50 é marcado pelo êxito da reflexão epistemológica, deve isso às constantes interrogações das disciplinas acerca de seu objeto, acerca da validade de seus conceitos e sua ambição científica. Foi nesse período que a significação dada ao termo epistemologia sofreu ampliações, ultrapassando então o plano estrito da reflexão sobre os procedimentos científicos, abrindo-se ao social e estabelecendo uma dialética com o ideológico. Essa reflexão no domínio das ciências do homem é tributária das mutações em curso nas ciências “duras” e, nesse plano,



constata-se a mesma inflexão formalista.

Entretanto, o grande fenômeno intelectual no plano epistemológico situa-se fora da França, e consiste na conexão entre o formalismo das ciências “duras” e o positivismo lógico que se desenvolve por um lado, com o círculo de Viena e, por outro, em torno de Bertrand Russel. Esses lógicos defendem a idéia de uma ciência unificada, codificada, a partir da lógica forma, em torno de um método puramente dedutivo. A França ficará distante dessa discussão e o estudo da lógica só fará parte das universidades tempos depois.

### 7. Michel Foucault: um filósofo singular

Assim como outros intelectuais que se lançaram na aventura estruturalista, Michel Foucault viveu seu momento de apogeu sobretudo a partir da década de 60. No entanto, alguns de seus mais importantes trabalhos têm origem nos anos 50. Em **Histoire de la Folie**, escrita nessa época, o filósofo equaciona o problema do avesso da razão ocidental ao tratar as manifestações reprimidas do desvario, é uma obra escrita nessa época.

Da mesma forma que Lévi-Strauss permitia pensar as sociedades primitivas como diferentes e, ao pensá-las, recuperava-as para o campo da razão, Foucault segue os indícios de uma aventura semelhante em que a loucura se volta para a razão a fim de a interpretar e pôr em evidência as suas linhas de força e de fraqueza. Essa tentativa de dar voz à loucura, de enfim torná-la objeto de investigação, irá ocupar rapidamente um lugar de destaque dentro do estruturalismo, pelo fato de Foucault desfrutar do prestígio de ser um filósofo e por ser capaz de historicizar seu objeto, até então uma

perspectiva insuspeitada quando do estabelecimento do paradigma estruturalista.

A passagem da indiferenciação à especificação da loucura, sua reposição na temporalidade, as relações dialetizadas entre saber e poder, com a substituição do poder judiciário pelo saber médico: tais são as grandes linhas da abordagem foucaultiana, a qual ultrapassa a simples genealogia da loucura para restabelecer mais globalmente a passagem de uma sociedade fundamentada no poder da lei para um sistema que se apóia na norma convertida em critério de separação dos indivíduos e que implica uma economia de discurso totalmente diferente.

Este será apenas um dos trabalhos de Foucault, um filósofo singular que não participará totalmente do paradigma estruturalista, já que sua condição de questionador incansável o fará sempre estar no cerne de uma questão maior: a busca incessante para trazer à luz a *verdade*. Avesso a toda forma reducionista, Foucault nem por isso estará preocupado em posicionar-se como porta-voz do que se deve pensar. Ao contrário, ele apenas tentará desenhar os contornos do que é pensável. Talvez por isso ele se diferencie de outros estruturalistas que sempre se colocaram como “guias” da reflexão no campo dos saberes e tenha se tornado, de fato, o grande intelectual da década de 60.

### CONCLUSÃO

Com o breve panorama da fase inicial do estruturalismo que foi apresentado, pretendemos introduzir alguns conceitos surgidos nesse período e que hoje fazem parte do quadro das ciências humanas, pois nosso olhar acerca das humanidades não será

adequado se não incorporarmos os pressupostos estruturalistas, ainda que apenas para os negar. Ou seja, embora o pensamento contemporâneo se apresente como uma outra visão de mundo, menos reducionista, por assim dizer, as bases lançadas pelo inquieto ponto de vista estrutural são parte essencial daquilo que hoje chamamos ciências humanas.

Nesse sentido, refletir a respeito do movimento estruturalista é estar no cerne da questão epistemológica acerca do saber, pois longe de ser um retrato apagado do academismo tradicional, o estruturalismo configurou um momento decisivo da história do pensamento moderno. Com a lingüística saussuriana, a antropologia de Lévi-Strauss, a psicanálise lacaniana, o grau zero da escritura de Barthes, a inquietude filosófica de Foucault (para se ater apenas a alguns representantes da fase inicial do estruturalismo), foi lançado um novo olhar sobre o outro, sobre a diferença, que pôs em questionamento antigas verdades e tomou novas posições diante de temas como a linguagem, o inconsciente, a escrita, a história, entre outros.

## BIBLIOGRAFIA

DOSSE, F. *História do estruturalismo, v.1: o campo do signo*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas: Unicamp, 1993.

## NOTAS

---

<sup>0</sup> Aluna do 6º semestre do Curso de Letras da UFSM, participante do GEL – Santa Maria.

<sup>1</sup> Trabalho vinculado ao Grupo de Estudos Lingüísticos de Santa Maria, orientado pela profª Drª. Amanda Eloina Scherer.